

O SINMGRA

Informativo oficial do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Gravataí - Setembro/2026 - Nº471



Rua Ary Tubbs, 916 - Centro - Gravataí/RS - CEP 94010-180 - ☎ (51) 3488.3937 - 📞 (51)3484.1285

SINMGRA CONQUISTA REAJUSTE SALARIAL

24,7% ACIMA DA INFLAÇÃO

A atuação firme e articulada do SINMGRA consolida mais um capítulo vitorioso na história da classe trabalhadora. Por meio da mobilização e da unidade nas negociações coletivas, o sindicato conquistou um reajuste salarial expressivo, alcançando a marca de **24,7%** acima da inflação. Esse resultado coroa a confiança de trabalhadores conscientes de sua classe, que sabem que direitos não são favores, mas frutos diretos da luta sindical.

Enquanto narrativas pessimistas e notícias falsas tentam pintar um cenário de terra arrasada e estagnação, a realidade econômica e social demonstra o oposto. Os dados concretos do mercado de trabalho e do cenário produtivo revelam um país em plena atividade. Setores industriais e de serviços apresentam dinamismo, desmentindo o coro do desmonte econômico. O avanço dos salários desinibe o pessimismo sistêmico, mostrando que a economia real pulsa em favor de quem produz. O engajamento coletivo serve como barreira contra boatos que tentam desmerecer a recuperação da capacidade de consumo das famílias.

Essa vitalidade econômica encontra reflexo direto nas mesas de negociação coletiva. Um exemplo claro desse momento favorável é a conquista sindical do reajuste salarial articulado que superou o INPC acumulado (3,98%), garantindo não apenas a recomposição integral das perdas inflacionárias, mas assegurando um **aumento real de 0,98%** que representa uma correção salarial de **5%**.

O triunfo obtido em Gravataí não é um caso isolado, mas parte de uma retomada vigorosa do aumento real dos salários nas negociações coletivas espalhadas pelo país, o ganho real nas mesas de negociação comprova que a valorização do salário é o motor mais seguro para impulsionar o mercado interno e garantir justiça social.

Essa tendência nacional de recomposição do poder de compra evidencia que a organização sindical forte é o pilar indispensável para transformar o crescimento macroeconômico em benefícios tangíveis na vida do trabalhador. A conquista do SINMGRA ecoa como exemplo de que a luta coletiva é o caminho mais curto para a dignidade e a distribuição justa da riqueza nacional.

Diferente de períodos de arrocho e estagnação, o avanço salarial acima da inflação deixou de ser exceção e voltou a ser uma tônica nas campanhas sindicais pelo país. Isso demonstra que o crescimento do PIB está, gradualmente, encontrando caminhos para ser distribuído na ponta produtiva. Com mais dinheiro circulando de forma real e consistente nas mãos dos trabalhadores, o comércio e a indústria local ganham fôlego, gerando um ciclo virtuoso de desenvolvimento econômico sustentável.

O Brasil industrial real pulsa forte nas fábricas, nas linhas de montagem e na persistência de seus trabalhadores. A conquista do SINMGRA ecoa como o exemplo definitivo de que a economia só cresce de verdade quando a riqueza produzida é revertida em justiça social, distribuição de renda e valorização real de quem constrói a grandeza do país.

ASSEMBLEIA GERAL

17 DE SETEMBRO

Quinta-feira

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL

O SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE GRAVATAÍ-RS - SINMGRA, Registro Sindical 460000074997-56 e CNPJ 03735720/0001-93 através de sua Diretoria Administrativa Executiva-DAE, no uso de suas atribuições estatutárias e nos termos dos incisos III e VI, do art. 8º, da CRFB, dos arts. 611-A e 612, da CLT e inciso XV da Portaria/MTP 671/2021 resolve CONVOCAR todos os trabalhadores das indústrias do setor **METAL-MECÂNICO-ELETRÔ-ELETRÔNICO e REPARAÇÃO DE VEÍCULOS**, associados ou não, para a ASSEMBLEIA GERAL a realizar-se no dia 17/09/2026 (5ªfeira), nas entradas, intervalos e saídas de turnos e às 17h em primeira chamada e às 17h30min em segunda e última chamada, com qualquer presença, na sede do sindicato, afim de deliberar sobre a seguinte **ORDEM DO DIA: 1-** Aprovação ou rejeição, da proposta final apresentada pelos sindicatos patronais (SINMETAL – SINDIREPA) para renovação de Convenção Coletiva de Trabalho 2026-2027 a vigorar a partir de 1º/09/2026 para todas as cláusulas econômicas e sociais; **2-** Ratificação da contribuição assistencial pelo resultado da negociação aprovada na assembleia realizada em 31/07/2026, cujo valor ficou em duas parcelas de R\$ 25,00. Sendo a primeira na folha de pagamento de setembro e a segunda na de outubro. A manifestação contrária a contribuição assistencial deverá ser feita na sede social da entidade, localizada na Rua Pref. Ary Tubbs, 916 – Centro, entre os dias 18 e 24 de setembro, nos horários das 9h às 11h e das 14h às 16h. Gravataí, 11 de setembro de 2026. Valcir Ascari- Diretor Administrativo e Noeldi Leal Trindade- Diretor Patrimônio.

DA FILA DO PÃO AO ZAP

COMO O POVO CAI NA CONVERSA DE QUEM SÓ QUER DIVIDIR PARA DOMINAR

A sociedade brasileira contemporânea vive um paradoxo singular: nunca estivemos tão conectados tecnologicamente e, ao mesmo tempo, tão distantes uns dos outros no plano do debate público. Dois fenômenos alimentam essa tensão cotidiana e moldam o rumo do país: a polarização política, frequentemente traduzida na dinâmica excludente do "quem tu és na fila do pão", e o ecossistema das redes sociais, onde bolhas digitais prisioneiras determinam não apenas o consumo de informação, mas a percepção do outro como um inimigo existencial. Compreender essa engrenagem exige ir além da superfície algorítmica para analisar o impacto profundo da falta de memória histórica e da erosão da consciência de classe, pilares fundamentais que permitem aos extremistas dissimular a realidade em benefício próprio.

A expressão popular "quem tu és na fila do pão" carrega um histórico de demarcação de status e integração social. No contexto da polarização brasileira, essa lógica foi transposta para o campo moral. O pertencimento a um grupo político deixou de ser uma escolha pragmática baseada em programas de governo para definir o valor moral do indivíduo. O debate democrático cedeu espaço para a lógica **amigo-inimigo**, transformando a divergência em uma ameaça existencial que rompe laços familiares e profissionais. A política passa a operar em regime de torcida organizada, onde os fatos perdem relevância diante da narrativa do grupo.

Nesse cenário, as plataformas digitais reconfiguraram radicalmente a arquitetura da estrutura social. Historicamente, a solidariedade e a percepção de destino comum desenvolviam-se nos espaços físicos de convivência, nos locais de trabalho e nos bairros. As redes sociais, contudo, promoveram a atomização do cidadão. Sob a falácia da horizontalidade, o indivíduo isola-se diante de uma tela, competindo por atenção e validade em um ecossistema profundamente hierarquizado e mercantilizado pelas grandes corporações

tecnológicas (big techs).

É justamente no vácuo da memória histórica que se instaura a vulnerabilidade social. Sem o resgate das lutas e dos ciclos de exploração econômica que forjaram a nação, o cidadão perde a capacidade de compreender as assimetrias do presente. É a memória que alimenta a consciência de classe, a percepção coletiva de que as dilemas individuais como — **a precarização e a desigualdade** — são fenômenos estruturais compartilhados por milhões, e não meros fracassos pessoais. Afastado de sua historicidade, o povo torna-se presa fácil para a engenharia do ódio operada por grupos extremistas. Para impedir que a sociedade enxergue os conflitos materiais e sistêmicos, cria-se a figura do bode expiatório. Minorias, instituições ou adversários políticos são transformados em alvos, canalizando o conflito horizontalmente, **trabalhadores lutando contra trabalhadores** para blindar os centros reais de poder (bilionários). A realidade material é soterrada por pânicos morais, teorias da conspiração e pós-verdade, enquanto as plataformas lucram com a indignação e os extremistas convertem o caos em capital político e poder de barganha, aplicando a velha máxima de "dividir para conquistar".

A superação desse quadro exige reconhecer que a polarização e as prisões de algoritmo não são acidentes, mas o modelo de funcionamento da política e da tecnologia no Brasil. O verdadeiro antídoto estrutural contra essa lógica reside na **reconstrução da memória coletiva e no resgate da consciência de classe**. Somente com a retomada da capacidade de nomear o mundo real (superar a dissonância cognitiva) e de compreender os interesses materiais em disputa será possível desarmar a máquina do ódio e devolver à política a sua função emancipatória. Trabalhador consciente reage frente a investida do opressor.

Cartilha Bonita, Trabalho Exausto: A Distância entre a Campanha do Setembro Amarelo e a Realidade do Chão de Fábrica

O Setembro Amarelo consolidou-se no calendário nacional como o mês de prevenção ao suicídio. No contexto laboral, a campanha cumpre um papel pedagógico fundamental ao quebrar o silêncio e dar visibilidade ao sofrimento psíquico gerado por pressões extremas, metas inalcançáveis e assédio moral. Por outro lado, campanhas de conscientização corporativa frequentemente recaem numa abordagem estritamente individual. Muitas empresas transformam a prevenção em palestras de autoajuda, dicas de mindfulness (atenção plena) ou distribuição de cartilhas, transferindo a responsabilidade do adoecimento para a resiliência do próprio trabalhador. O recado implícito costuma ser “o ambiente de trabalho é caótico, mas o problema é você que não está sabendo lidar com o estresse”.

ANR-1 desloca o eixo do problema. O foco deixa de ser o "psicológico frágil" do trabalhador e passa a ser a organização do trabalho, **o ritmo extenuante, a cobrança abusiva de metas, a falta de autonomia, o assédio e a precarização**

das condições laborais. A norma exige que o patrão mude o processo produtivo para proteger a mente de quem produz. Pela primeira vez de forma explícita nas normas de segurança e saúde do trabalho, as empresas são obrigadas a mapear, avaliar e mitigar não apenas os riscos físicos, químicos e biológicos (como ruídos, poeira ou máquinas sem proteção), mas também os **riscos psicossociais**.

É impossível dissociar o adoecimento psíquico contemporâneo das estruturas econômicas e sociais. A precarização das leis trabalhistas, a flexibilização extrema dos contratos, a uberização e a vigilância algorítmica criaram um trabalhador atomizado, isolado e permanentemente culpabilizado pelo próprio fracasso ou exaustão.

O Setembro Amarelo desperta a sociedade para a urgência de olhar para o sofrimento humano, enquanto a NR-1 oferece o instrumento técnico e legal para que o Estado e os trabalhadores cobrem mudanças reais na

organização do trabalho. Integrar essas duas frentes significa entender que cuidar da saúde mental no emprego não é um favor corporativo nem um detalhe estético, mas uma trincheira central na luta pela dignidade e emancipação de quem sustenta o país.

